



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO
SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARIA CARLEANNE FERNANDES DOS SANTOS

**O PERFIL SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR NO
MUNICÍPIO DE LIVRAMENTO-PB**

SUMÉ-PB

2015

MARIA CARLEANNE FERNANDES DOS SANTOS

**O PERFIL SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR NO
MUNICÍPIO DE LIVRAMENTO-PB**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Campina Grande,
Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

Orientador: Professor Dr. Paulo César Oliveira Diniz

SUMÉ-PB

2015

S237p Santos, Maria Carleanne Fernandes dos.
O perfil social da agricultura familiar no município de livramento -
PB. / Maria Carleanne Fernandes dos Santos. - Sumé - PB: [s.n],
2015.

45 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Oliveira Diniz.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro
de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Agricultura familiar - agricultores. 2. Sociologia - Seca. 3.
Políticas Públicas - Estiagem. I. Título.

CDU: 338.43 (043.3)

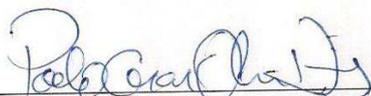
MARIA CARLEANNE FERNANDES DOS SANTOS

**O PERFIL SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR NO
MUNICÍPIO DE LIVRAMENTO-PB**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Campina Grande,
Centro de Desenvolvimento Sustentável do
Semiárido como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em
Ciências Sociais.**

Aprovado em Sumé, 25/03/2015

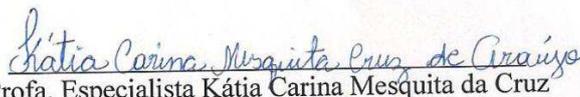
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Paulo Cesar Oliveira Diniz
(Orientador – UFCG/CDSA/UAEDUC)



Prof. Mestre José Marciano Monteiro
(Examinador Titular Interno – UFCG/CDSA/UAEDUC)



Profa. Especialista Kátia Carina Mesquita da Cruz
(Examinadora Titular Externa)

Ao meu irmão Jeorge Fernandes dos Santos
(em memória), pois, um dia em minhas
orações eu te prometi que todas as minhas
vitórias seriam suas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido capacidade suficiente para conseguir escrever este trabalho, embora tenha tido vontade de desistir, só Ele sabe como foi até chegar ao fim, mas cheguei e não tenho palavras para agradecer.

A vocês três que foram a base para eu ir até o fim: minha mãe Ana Maria Fernandes, sem a qual não teria chegado nem na metade desta jornada, que foi árdua, mas todas as vezes que olhava ganhava forças para ir mais longe, a Carlos Guilherme obrigada meu “painha” por tanta confiança depositada em mim, quando não me restava nenhuma força de ir mais além, uma palavra ou apenas o teu olhar me recarregava para seguir mais um pouco, ao meu irmão Jorge Fernandes não tenho nem palavras para agradecer a você tudo que fizeste por mim até aqui, sei que o meu muito obrigada é muito pouco, comparado ao que você merece, por vocês tenho todo amor do mundo. Tudo que fiz foi por vocês.

A toda minha família, meus avós paternos José de Abel e Laura que me ensinaram muito e cada ensinamento de vocês irei levar para o resto da vida, meus tios e tias, primos e primas, a todos, mas em especial a vocês Eulália e Hudson que não me deixaram desistir e que confiaram em mim, mais que eu mesma, o meu muito obrigada.

A minha segunda família EJC todo agradecimento do mundo. Nossa! Vocês não fazem ideia da importância que têm nesta minha caminhada, foram alicerces para eu seguir, cada palavra de coragem e incentivo que eu guardei todas no meu coração, e saibam, elas fizeram um efeito enorme dentro de mim e me ajudaram chegar até aqui. Eu amo cada um de vocês.

A vocês minha eterna “casa sete” Ana Ligia, Rosines Rocha, Raiane Lima, Katiany Silva, Laryssa de Caldas e Micaele Arruda. Com vocês eu dividi muito mais que uma casa e contas para pagar, eu dividi uma parte de minha vida, dividi histórias, loucuras que só nos sabemos, mas também dividimos vitórias e conquistas, e quando uma conseguia vencer era de todas o triunfo. Vocês serão para sempre a minha família que eu jamais esquecerei. Eu ganhei irmãs que eu poderei contar para o resto da vida, e hoje, não morar com vocês é uma saudade que machuca sem data marcada para sair. Obrigada por tudo vocês também são responsáveis por isto aqui.

As minhas amigas e irmãs batizadas por nós mesmas de “Socilindas”, não existe palavras suficientes para agradecer o companheirismo de cada uma, vocês conseguiram me acalmar quando o desespero e o medo tomavam de conta, quando a distância da família machucava, vocês conseguiam representá-las de uma forma mágica e conseguiam amenizar a falta que eles faziam. Foi uma vida dividida com vocês e valeu à pena tudo, cada estresse, cada medo, as alegrias, tudo valeu. Obrigada Andréa Carla, Rosines Rocha, Renny Gomes, Tamyres Sousa, Dally Ribeiro, Gillianne Nunes e Juliana Feitosa, obrigada meninas.

Paloma Freitas, Thercya Leite, Sosthenes Santos, Julio Portela, Layane Sampaio, Cristiane Alves, Amanda, Elizangela e Ivanildo, vocês foram peças fundamentais neste trabalho, me fizeram melhor do que eu sou durante este processo, vocês mais do que ninguém viram de perto as lágrimas que derramei, e sempre tinha, nem que fosse um, ali para secar. Não me deixaram sozinha nunca, por isso, faço questão de deixar registrado o nome de vocês, para que, quem pegar neste trabalho, seja capaz de ver que amizades verdadeiras existem sim e que eu tive a sorte de um dia conhecer vocês. Amo cada um. Obrigada.

Agradecer a todos os agricultores e agricultoras que com toda vontade me concederam a entrevista para a realização desse trabalho, que me ensinaram muito, com suas histórias de vida.

Ao meu orientador Drº. Paulo Diniz, por toda dedicação e paciência, pela orientação e cuidado para que desse tudo certo.

Ao projeto PIBID onde eu aprendi muito, amadureci e principalmente cresci profissionalmente, obrigada pela oportunidade.

Enfim, a todos os meus mestres que passaram por mim e deixaram muito deles em mim, durante esses quatro anos de curso, muito obrigada.

A todos, obrigada.

O relato de um filho do Sertão

Eu num posso esconder que sou do mato,
Pois já trago no rosto esta bandeira.
Cada marca em meu corpo é um retrato De quem sempre lutou a vida inteira...
Eu num troco, seu moço, o seu asfalto.
Nem seu mar, automóve, prédio alto...
Por um terço da minha plantação.
Pr'eu viver, num carece mordomia,
Porque Deus me deu tudo o que eu queria:
O prazer de ser filho do Sertão.

Toda vida a labuta foi pesada,
Desde os tempos que eu inda era menino.
Me apeguei pelo cabo da enxada,
Recebido das mãos do tá destino.
Desde cedo eu troquei a brincadeira
(O pião, a peteca, a baladeira)
Pra ajudar o velho, já cansado,
Num reclamo e jamais me envergonhei
De dizer, cum orgulho, que eu herdei
De papai sua foice e o seu roçado.

Isso é tudo que eu tenho pra dizer,
Já que eu não sei passar para o papel.
Mas quem sabe eu aprenda a escrever
Antes de ser chamado lá pro céu.
Pr'eu enfim completar a minha história,
Meu sofrer, meu penar e minha glória.
Co'a caneta na minha própria mão.
E quem sabe, sonhando mais distante,
Eu verei estampado numa estante

“O relato do filho do sertão.”

(Thyelle Dias)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o perfil social da agricultura familiar no município de Livramento – PB e compreender como os agricultores conseguiram ultrapassar os obstáculos da seca atual, considerada há maior dos últimos tempos, bem como de perceber quais políticas públicas foram criadas para ajudar estes camponeses. Para isso, foi feita uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa através da utilização de técnica de entrevista. As comunidades escolhidas para realização das entrevistas foram Sítio Batalha, Sítio Torrões, Sítio Salitre, Sítio Sussuarana e Sítio Vila Teimosa, totalizando 15 entrevistas com agricultores destas comunidades. Além disso, foram utilizados dados da secretaria Municipal de Agricultura de Livramento. Dentre os resultados, constatou-se que, no município de Livramento, houve grande preocupação não só municipal, mas nas esferas estadual e federal em relação aos agricultores. Várias atitudes foram tomadas para uma diminuição de pobreza no município, e também de auxílio para estes camponeses como dinheiro através dos programas como Bolsa Estiagem e Seguro Safra, e também de alimentação para os animais. Outro aspecto, demonstrado na pesquisa aponta que os agricultores que possuem maior idade são os que mais trabalham na roça, além da maioria deles possuem renda de um a dois salários mínimos e não vivem apenas da agricultura. Finalmente, apesar da grande estiagem atual, os agricultores do município de Livramento não tiveram perdas muito exorbitantes comparadas a demais localidades do Nordeste. Apenas um dos entrevistados em algum momento deixou a sua casa e foi tentar sobreviver na cidade e a grande maioria não irá deixar o campo.

Palavras-chave: Agricultores. Perfil Social. Seca.

ABSTRACT

This work aims to analyze the social profile of family farming of Livramento - PB city and understand how farmers managed to overcome the current obstacles drought, thought there most of recent times, and to understand what public policies are designed to help these peasants. For this, an exploratory research was done with a qualitative approach by using interview technique. The communities chosen for the interviews were Batalha site, Torrões site, Salitre site, Sussuarana site e Vila Teimosa site, totaling 15 interviews with farmers in these communities. In addition, we used data of the Municipal Secretariat of Agriculture of Deliverance. Among the results, it was found that in the town of Livramento city, there was great concern not only local, but in the state and federal levels for farmers. Several actions were taken to a poverty reduction in the municipality, as well as assistance to these farmers as money through programs like bag drought and crop insurance, as well as food for animals. Another aspect, shown in research shows that farmers who have older are the most work in the fields, in addition to most of them have income from one to two minimum wages and living not only agriculture. Finally, despite the large current drought, farmers of Livramento city did not have very exorbitant losses compared to other areas of the Northeast. Only one of the at some point left his home and was trying to survive in the city and the vast majority will not leave the field.

Keywords: Farmers. Social Profile. Drought.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. CONTEXTUALIZANDO O SURGIMENTO DA AGRICULTURA..... | 14 |
| 3. O CONCEITO DA AGRICULTURA FAMILIAR | 18 |
| 3.1 PRONAF | 21 |
| 4. LIVRAMENTO E SUAS RURALIDADES..... | 23 |
| 5. AGRICULTURA, SECA E CONSEQUÊNCIAS. | 29 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 37 |
| REFERÊNCIAS | 40 |
| APÊNDICE A: ENTREVISTA PARA AGRICULTORES DAS ZONAS RURAIS | 42 |

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe discutir o Perfil Social da Agricultura Familiar no município de Livramento-PB. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), 70% do que consomem os brasileiros vem da agricultura familiar e neste momento a mesma passa por problemas causados pela seca que atinge grande parte do Nordeste, prejudicando principalmente as zonas rurais neste período seco e quente. Neste caso, a seca deixa de ser apenas um problema climático e começa a ser um problema social e de todos.

Desta forma, compreender de onde vem o nosso alimento é de extrema importância, na medida em que, se o homem do campo não produz, o homem da cidade irá passar necessidades, já que o que está na nossa mesa a maior parte vem da agricultura.

Mesmo nos dias atuais, os agricultores ainda sofrem preconceitos e são discriminados, muitas vezes taxados de atrasados ou preguiçosos por viverem no campo:

(...) A quem vive no campo, mas também indicam uma pessoa rústica, atrasada e ingênua. São palavras depreciativas, ofensivas, muitas vezes relacionadas à preguiça, à pouca disposição para o trabalho (ALTAFIN, 2007, p. 04).

Realizar estudos que revelem a real importância da agricultura familiar é de suma importância para ambos, tanto os que vivem no campo, quanto os que vivem na cidade, conhecer realmente como é a realidade de um povo muitas vezes sofrido e que tem a Agricultura como saída para o sustento e geração de renda junto a família. Além do mais, a Agricultura Familiar tem uma grande importância na riqueza de todo o país.

Além de seu fundamental papel social na mitigação do êxodo rural e da desigualdade social do campo e das cidades, este setor deve ser encarado como um forte elemento de geração de riqueza, não apenas para o setor agropecuário, mas para a própria economia do país (GUILHOTO, 2008, p. 13).

O ano de 2014 foi o ano Internacional da Agricultura Familiar (AIAF), onde tem por objetivo trazer uma atenção maior à agricultura familiar, mostrando sempre que a mesma ajuda na diminuição da pobreza e na preservação do meio ambiente.

Visa aumentar a visibilidade da agricultura familiar e dos pequenos agricultores, focalizando a atenção mundial em seu importante papel na erradicação da fome e pobreza, provisão de segurança alimentar e nutricional, melhora dos meios de subsistência, gestão dos recursos naturais, proteção do meio ambiente e para o desenvolvimento sustentável, particularmente nas áreas rurais (FAO, 2014).

O AIAF tem como objetivo realizar discussões sobre políticas públicas para a agricultura Familiar, fazendo com que o mundo volte-se para esta e veja seu importantíssimo papel na sociedade e compreenda sua seriedade.

A agricultura familiar preserva os alimentos tradicionais, além de contribuir para uma alimentação balanceada, para a proteção da agrobiodiversidade e para o uso sustentável dos recursos naturais (FAO, 2014).

Daí, fica clara a importância de se estudar com tamanha precisão a Agricultura Familiar, uma vez que, a maioria do que possuímos em nossa mesa vem do campo, e os agricultores familiares possuem um cuidado maior com o meio ambiente.

O interesse em estudar o tema surgiu por ser filha de agricultor e por ter um convívio com a agricultura desde muito cedo e conhecer de perto a realidade da agricultura. Não somente por isso, mas foi exclusivamente na universidade, após estudar a disciplina de Sociedades Camponesas, conhecendo assim o início de como tudo aconteceu que surgiu o despertar para entender a agricultura da atualidade e do meu município com suas respectivas diferenças.

Com o objetivo de entender como as famílias rurais estão fazendo para conseguir subsistência, ou se, mesmo com a seca, conseguem tirar todo o seu alimento da agricultura e quais as providências tomadas para superar esta estiagem.

O presente trabalho será uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa através da utilização de técnica de entrevista. Para Richardson (1999, p. 207-208) a entrevista é:

(...) uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas (...) que visa obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes do determinado problema: suas descrições de uma situação em estudo. Por meio de uma conversa guiada pretende-se obter informações detalhadas, que possam ser utilizados em

uma análise qualitativa (RICHARDSON, 1999 *apud* LOPES, 2009).

Neste caso será aplicada a entrevista semiestruturada. Esta entrevista tem como principal meta identificar quais as principais consequências que os agricultores obtiveram com tamanha seca.

Este trabalho será realizado com aplicação de entrevistas, como já mencionado anteriormente, em algumas comunidades rurais da cidade de Livramento – PB. As comunidades escolhidas são Sítio Batalha, Sítio Torrões, Sítio Salitre, Sítio Sussuarana e Sítio Vila Teimosa. Os participantes deste trabalho foram quinze agricultores das comunidades acima citadas, onde responderam a entrevista realizada nas comunidades.

Como já aludido antes, será utilizada para coleta de dados a entrevista que é muito mais do que uma simples conversa entre duas pessoas ou mais.

“Conversa orientada para um objetivo definido: recolher, através de interrogatório do informante, dados para a pesquisa” (CERVO e BERVIAN, 1977, p. 105 *apud* LOPES, 2009, p. 105).

Após a coleta de dados, será feita sua análise:

Analisar dados significa trabalhar com o material obtido durante o processo investigatório, ou seja, os questionários aplicados, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas (...) (KERLINGER, 1980, p. 353 *apud* LOPES, 2009, p. 37).

Os dados a serem analisados passaram por três etapas: primeiro a transcrição da entrevista, segundo a análise dos mesmos e depois o método de análise de conteúdo que segundo Mynaio: “análise de conteúdo visa verificar hipóteses e ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto” (...) (MINAYO, 2003, p. 74).

Após este processo de transcrição e análises, serão colocados no trabalho quadros com citações dos próprios entrevistados, no caso os agricultores e também em forma de gráficos para mostrar o resultado.

O trabalho será dividido em seis capítulos onde começa com a introdução que descreve com precisão o que será apresentado nele. O segundo capítulo contará com a história da agricultura como tudo começou e a visão de alguns teóricos em relação aos

camponeses. No terceiro capítulo abordou-se a questão da Agricultura Familiar no Brasil como começou e quais os caminhos tomou. Nos próximos capítulos, quatro e cinco, foi feita a apresentação do município de Livramento-PB e a análise dos dados e resultados das entrevistas. E para finalizar o trabalho conta com as considerações finais.

2. CONTEXTUALIZANDO O SURGIMENTO DA AGRICULTURA

A agricultura surgiu há aproximadamente 12.000 mil anos A.C. depois da Revolução Neolítica. Antes disso as pessoas se alimentavam do que a natureza lhe concebia e eram nômades, ou seja, viviam de um lugar para o outro. A agricultura aconteceu através de um processo de evolução dos homens, segundo Mazoeyr (1933, p. 126):

No Estado atual ela aparece como resultado de um longo processo de evolução que afetou muitas sociedades de Homo Sapiens no fim da pré-história, na época neolítica. As sociedades de predadores que se transformaram em sociedades de agricultores estavam dentre as mais avançadas da época.

Essa descoberta aconteceu sem intenção, pois eles derrubavam sementes no chão e depois percebiam que estas sementes germinavam e davam frutos. Com o tempo de observação, começaram a fazer isso propositalmente e daí surgiu a prática do cultivo. Essas plantações aconteciam próximas aos rios onde eles montaram suas barracas e começaram a morar nessas margens, onde também faziam as atividades de caça e pesca. Esse processo de evolução fez com que as pessoas se tornassem sedentárias e vivessem em um só lugar, plantando e vivendo do que eles mesmos produziam.

Alguns autores escreveram obras que registram e buscam melhores compreensões sobre o campesinato. Abramovay (2012) foi um desses. Ele escreveu “Paradigmas do capitalismo agrário em questão,” obra que expõe opiniões de outros autores e suas críticas em relação a elas.

Um dos autores citados e comentados nesta obra foi Karl Marx que não se obteve a estudar profundamente sobre a Agricultura. Ele afirma que o camponês pode desaparecer do meio social, colocando-os como uma espécie que será logo esvaecida do meio.

Ele também menciona que os camponeses não possuem uma classe já que ele as divide entre proletário ou burguês, os agricultores não encontram o seu lugar.

As duas únicas classes que possuem universalidade de incorporar nelas mesmas os elementos básicos de organização da sociabilidade contemporânea são a burguesia e o proletariado. Somente elas são, neste sentido, classes e possuem a universalidade teórica de conceitos, de elementos

que se ligam necessariamente ao conjunto do sistema teórico construído (ABRAMOVAY, 2012, p. 46).

Engels, sem mais demora aponta apenas dois caminhos a serem seguidos pelos camponeses, comungando da ideia de Karl Marx, ou eles se juntam definitivamente com os burgueses, ou vão para o proletariado. Ele foi bastante determinante na sua afirmação:

O desenvolvimento da forma capitalista de produção rompeu o nervo vital da pequena exploração na agricultura; a pequena exploração agrícola está decaindo e marcha irremediavelmente para a ruína (ENGELS, 1981, p. 56 *apud* ABRAMOVAY, 2012, p. 56).

Mas, agora veremos alguns autores cujos pensamentos se distinguem um pouco do marxista, onde eles, Alexandre Chayanov e Jerzy Tepicht, viam a economia camponesa como algo muito importante e que tinha um grande impacto positivo. Mas, não eliminam a possibilidade do aniquilamento, já que a agricultura passaria por grandes mudanças e o seu desaparecimento seria consequência destas. Uma das coisas que Chayanov se preocupava era a forma de como se olhava para o camponês e que hoje ganhou grande força nas Ciências Sociais:

Não se pode compreender o campesinato imputando-lhe categorias que não correspondem as suas formas de vida. Embora a unidade de produção camponesa lide com trabalho, bens de produção e terra, disso não decorre a presunção de que ela gera salário, lucro e renda da terra (ABRAMOVAY, 2012, p. 68).

Na visão de Chayanov, a agricultura não é apenas um grupo de pessoas que estão fadadas ao desaparecimento, mas, “mais que um setor, trata-se de um sistema econômico” (ABRAMOVAY, 2012, p. 69), segundo Chayanov: “Diferente de um trabalhador assalariado, o camponês ‘é um sujeito criando sua própria existência.’ ” (CHAYANOV, 1986, p. 118 *apud* ABRAMOVAY, 2012, p. 69).

O agricultor não busca a obtenção dos lucros como fazem as sociedades capitalistas, a sua maior preocupação é para alcance de alimentos e sustento para a família. A economia camponesa é racional, e existe por um propósito que é responder a uma necessidade da sociedade. Com o aumento da família acrescentará também a amplitude do trabalho, pois o volume da atividade depende da quantidade de

consumidores e não do número de trabalhadores. Chayanov monta uma teoria baseada na tentativa de melhorar a execução econômica dos camponeses.

Da mesma forma que Chayanov e de certa forma aderindo à teoria de Karl Marx, em relação à extinção do camponês, o autor Tepicht afirma que o camponês não trabalha pensando no lucro como já foi dito anteriormente, mas pensando no sustento da família:

[...] contrariamente ao capitalista que não aplica novos fundos sem contar com uma taxa proporcional de lucro, diferentemente assalariado que demandará para cada hora suplementar de trabalho tanto, senão mais, que por suas horas normais, o “pessoal” de uma exploração familiar camponesa fornece, para aumentar sua renda global, um adicional de trabalho, pago a um preço mais baixo e provocando a queda de seu “pagamento” coletivo (TEPICHT, 1973, p. 35 *apud* ABRAMOVAY, 2012, p. 83).

Abramovay em sua obra sobre o Capitalismo agrário cita alguns autores que também escreveram obras e relataram sobre a Agricultura. Um deles é Theodore Schultz (1965), que apresenta a agricultura tradicional como uma ação perfeita e um ato de pura racionalidade, e nomeia como a perfeição de funcionamento a junção da eficiência com a maximização do lucro.

O agricultor não só é capaz de utilizar seus insumos de maneira a obter a maior quantidade possível de produto, mas, mais que isso, essa operação leva em conta o nível relativo dos preços, de maneira a minimizar os custos/ e/ou maximizar os resultados da produção (ABRAMOVAY 2012, p. 93).

Segundo o autor, se a agricultura tradicional tivesse o apoio de máquinas e de insumos, ajudaria no seu desenvolvimento para uma agricultura moderna. Ele coloca como responsável para tal acontecimento o Estado:

[...] Cabe ao Estado no desenvolvimento da agricultura: o estímulo, seja a produção interna seja à importação dos insumos que compõem a agricultura moderna, a implantação de centros de pesquisa capazes de adaptar os progressos técnicos da agronomia ao meio ambiente nacional e local e a difusão desse conjunto de inovações através de um amplo sistema de extensão (ABRAMOVAY, 2012, p. 95).

Já para Michael Lipton (1968), analisando a teoria de Schultz, ele cria a sua hipótese pela qual o agricultor é um maximizador “não de lucro, mas de oportunidades e

sobrevivência”. Para o mesmo, deve ser levado em conta alguns fatores que implicam diretamente na vida do agricultor, uma delas é a questão climática, na medida em que alguns anos iria se lucrar mais que outros anos.

Incertezas climáticas, imperfeições de mercado, regras sociais impedindo o funcionamento das mais elementares normas da competição perfeita, tudo isso faz com que ‘um camponês otimizador busque algoritmos de sobrevivência e não de maximização’ (LIPTON, 1968, p. 331 *apud* ABRAMOVAY, 2012, p. 99).

Assim, fica claro que a preocupação destes agricultores não é aumentar seus lucros, mas diminuir cada vez mais a possibilidade de perdas existentes, desta forma, racionalizando sobre os riscos que correm, devendo evitar estes riscos.

São diversos conceitos e afirmações a respeito da história que ronda a agricultura, desde seu início. Muitos acreditaram que ela iria sim, se esvaír do nosso meio ou desaparecer, outros já depositavam toda certeza na importância dos camponeses para a sociedade e na sua continuidade em nosso meio.

Hoje podemos ver que muita coisa mudou, muitas tecnologias foram inventadas para ajudarem no trabalho do campo; a cada dia novas formas de cultivo surgem e ajudam o homem, mas ainda há muito a se fazer por esse povo, ainda há muito o que buscar para uma vida melhor para eles. Se desaparecerá daqui há anos não sabemos, mas que esses agricultores são pessoas guerreiras, isso temos certeza.

3. O CONCEITO DA AGRICULTURA FAMILIAR

No Brasil, foi a partir dos anos de 1990 que surgiu o conceito de Agricultura Familiar, antes disso, os agricultores eram chamados de pequenos agricultores ou camponeses. Hoje em dia, podemos observar que se tem falado mais sobre esse assunto, e de certa forma, vemos uma preocupação maior para com os agricultores, uma discussão de políticas públicas que ajudem e facilitem a vida dos mesmos.

Cada vez mais a Agricultura vem ganhando importância no meio de estudos hoje, um conhecimento mais amplo e mais profundo, buscando uma noção de uma realidade que ainda é desconhecida por muitos. De fato, a Agricultura Familiar também vem lutando ao longo dos anos por um espaço de maior reconhecimento e melhorias para a própria.

Para se entender melhor é necessário compreender que vários autores escreveram sobre a Agricultura Familiar e que existem vários conceitos adotados por eles sobre o assunto onde cada um define e a abrange de uma forma, na medida em que este é assunto novo de estudos, começado em meados dos anos 90. Diversos autores conceituaram o que seria a Agricultura Familiar:

Agricultor familiar é todo aquele (a) agricultor (a) que tem na agricultura sua principal fonte de renda (+ 80%) e que a base da força de trabalho utilizada no estabelecimento seja desenvolvida por membros da família. É permitido o emprego de terceiros temporariamente, quando a atividade agrícola assim necessitar (BITTENCOURT e BIANCHINI, 1996 *apud* TINOCO, 2006, p. 01).

Já para Carmo (1999) citado em um artigo de Tinoco (2006, p. 06) a Agricultura familiar é conceituada da seguinte forma:

É a forma de organização produtiva em que os critérios adotados para orientar as decisões relativas à exploração agrícola não se subordinam unicamente pelo ângulo da produção/rentabilidade econômica, mas leva em consideração também as necessidades e objetivos da família.

Os dois autores de certa forma comungam de uma mesma idéia, a de que a Agricultura Familiar é baseada no cumprimento das necessidades familiares, podendo sim haver participação de outras pessoas que não sejam da família, mas como foi mencionada anteriormente, a plantação não acontece para lucros financeiros e sim para a sustentabilidade da família.

Como não podemos encontrar um só conceito para a mesma, percebemos que existem várias vertentes sobre o assunto. Entre elas, podemos destacar mais dois conceitos:

Uma que considera que a moderna agricultura familiar é uma nova categoria, gerada no bojo das transformações experimentadas pelas sociedades capitalistas desenvolvidas. E outra que defende ser a agricultura familiar brasileira um conceito em evolução, com significativas raízes históricas (ALTAFIN, 2007, p. 01).

Ainda de acordo com Altafin (2007), Claude Servolin, em 1989, escreveu sobre a Agricultura Familiar afirmando que a agricultura de hoje não tem nada haver com o passado e tudo hoje é extremamente novo. Dois pensamentos completamente diferentes já que um defende a idéia de que a nossa agricultura atual é uma evolução do que se acontecia no passado, com grandes desenvolvimentos por trás de tudo isso, aqui podemos levar em consideração as novas invenções que facilitam a vida do homem do campo, que são as máquinas, mas não se esquecendo de enfatizar que mesmo com estas novas tecnologias o homem sempre usa da força que possui. Assim, afirma Wanderley (1999), que a agricultura familiar tem muito do passado, mesmo que esteja em uma nova era ela não deixa suas raízes, pois mesmo com a modernização, na maioria das vezes os camponeses usam a força humana em suas atividades rurais. Já Servolin afirma que tudo o que vimos hoje da agricultura familiar é algo novo, sem nenhuma ligação com os antepassados.

Mesmo com algumas divergências e diferentes pensamentos sobre o real conceito da Agricultura Familiar, percebemos que o principal interesse é a alimentação da família:

Nesse sentido, a decisão sobre o aumento da quantidade de trabalho necessário para a expansão de determinada atividade, por exemplo, tem em conta o bem-estar da família, antes mesmo do interesse de obtenção de maior lucratividade (CHAYANOV, 1974 *apud* ALFTALIN, 2007, p. 03).

Os autores por mais que discordem em relação ao seu conceito sempre tem algo em comum: a família como principal responsável e também a produção dedicada principalmente para reprodução social do grupo familiar, ou de forma secundária para o mercado. A comodidade da família em primeiro lugar, sendo assim diferente das

sociedades capitalistas que buscam apenas o lucro da produtividade, planta apenas com a intenção do ganho de cada alimento.

A agricultura familiar é hoje, no Brasil, completamente heterogênea, onde existe segundo Wanderley (2011), uma diversidade de atores, onde o camponês não é só aquele que planta e colhe, mas sim quem muitas vezes é obrigado a ocupar outras funções, gerando uma pluralidade de identidades.

Ressaltando que a agricultura é sim um componente fundamental, mas não único, hoje existe uma grande diversidade que distingue este meio rural, onde as famílias buscam novas estratégias que não são necessariamente as atividades agrícolas, como diz a autora Nazareth “uma pluralidade de atores que se submetem a novos enfrentamentos devido as suas necessidades”.

Em alguns casos não é possível obter a renda da família apenas com a agricultura familiar, então, alguns membros familiares são obrigados a ter atividades extras para possuírem um aumento na renda, exercendo assim a pluriatividade, através da qual adotam várias outras atividades que não seja só a agricultura familiar:

“A pluriatividade permite reconceituar a propriedade como uma unidade de produção e reprodução, não exclusivamente baseada em atividades agrícolas. As propriedades pluriativas são unidades que alocam o trabalho em diferentes atividades, além da agricultura familiar” [...] (FUULER, 1990 *apud* TINOCO, 1990, p. 04).

A pluriatividade exercida por alguns dos membros da família não precisa necessariamente ser no campo, eles podem buscar outros meios e outras formas de conseguir o sustento da família, e uma delas é exercendo outras atividades por fora, seja ela pedreiro, por exemplo, e no caso das mulheres podem ser cozinheiras, costureiras, dentre outras atividades que podem ser desenvolvidas para a ajuda no sustento da família. Com isso, o autor afirma que os membros da família se ocupam não só das atividades do campo, mas arrumam outras atividades para conseguir o complemento da renda.

A indústria tem sido uma grande concorrente destes camponeses e os tem obrigado de certa forma buscarem outras atividades. Ela vem tomando o lugar do pequeno agricultor que tem menos condições, pois como citado no artigo de Redin e Silveira (2011), a mesma tem condições diferentes do camponês, podendo investir muito mais na produção e no aumento da renda, e na medida em que o agricultor tenta acompanhar a sua forma de produção, ele busca aperfeiçoar-se comprando mais terras

para tentar atender as demandas que a indústria consegue, e quando este acompanhamento não é possível ocorre o êxodo rural, a migração rural – urbano, onde os camponeses abandonam suas vidas nas comunidades rurais para viverem de outras formas na zona urbana.

Devemos ressaltar que a indústria não é a única responsável por estas famílias em alguns casos comprarem mais terras ou terem que deixar suas casas para morar em outro lugar, mas também, a falta de mais políticas públicas para o meio rural, mais programas para os agricultores, pois é dever do Estado buscar formas de ajudar e trazer estas políticas para o meio rural. Aqui podemos citar o PRONAF que é uma política que busca o reconhecimento desse ator social - Agricultura Familiar - que sempre ficou a margem das políticas públicas.

3.1 PRONAF

Uma grande conquista da agricultura familiar no Brasil foi a criação do PRONAF. Tudo começou em 1994 quando o governo, nesta época de Itamar Franco, sentiu-se pressionado pelas manifestações que estavam ocorrendo pelos “mini-produtores”, como eram chamados os agricultores familiares, por essa pressão criou-se o Programa de Valorização da Pequena Produção Rural (PROVAP), esta a primeira política pública para os agricultores. Depois, em 1996 foi criado o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), um programa do governo federal que tem como coordenador o Ministério do desenvolvimento Agrário (MDA), com a finalidade de ajudar os agricultores familiares, reduzindo a pobreza e ajudando com a disponibilização de crédito de forma individual ou coletiva, segundo (CAZELLA et al, 2004)

O PRONAF busca ajudar aos agricultores que possuem menores rendas, facilitando o crédito para compras que ajudam e aumentam a produção de alimentos, e com isso aumentar também a renda da família. A partir dessa linha de crédito os agricultores tem acesso ao avanço das tecnologias e das inovações nas máquinas, antes considerado algo distante de sua realidade, mas que agora o ajudam no campo.

O PRONAF tem como seus principais objetivos: (a) reduzir a pobreza que atinge os agricultores familiares; (b) facilitar o acesso ao crédito barato para os pequenos produtores; (c) integrá-los a outros programas de desenvolvimento rural, como no auxílio ao desenvolvimento de infraestrutura e assistência técnica ((MAGALHÃES et al, 2004, p. 02)

Segundo ao autor Cazella *et al.* (2004), o público-alvo do programa tem que atingir os seguintes critérios: pelo menos 80% de sua renda deve ser de atividades agropecuárias; utilizar mão-de-obra exclusivamente familiar, sendo possível a contratação de mais dois empregados permanentes; residir em imóvel rural ou urbano próximo e possuir uma renda bruta anual de 60.000.

O PRONAF passou por muitas mudanças durante todo esse tempo e ainda passará por muitas outras, já que este é um processo contínuo de melhoramento e aprimoramento para algo cada dia melhor, e isso é de suma importância na vida dos agricultores, principalmente a partir de 1997, quando o programa passou a ter alcance nacional.

Assim, observamos que o intuito do PRONAF antes de qualquer coisa é facilitar a vida dos agricultores que precisam de uma ajuda financeira para investimento nas suas atividades rurais, e com a disponibilidade deste crédito, há sem dúvida uma grande redução de pobreza e um aumento considerável da renda.

Foi a partir do PRONAF e seus critérios que se criou uma lei no Brasil que se define o conceito de Agricultura Familiar. Esta lei número 11.326, criada em 24 de Julho de 2006, passou a guiar uma série de políticas públicas específicas para a agricultura familiar no rural brasileiro.

A lei da Agricultura Familiar favorece também os extrativistas, pescadores, povos indígenas e integrantes de comunidades remanescentes de quilombos rurais e demais povos e comunidades tradicionais, seguindo alguns critérios e um deles é que dirija seu empreendimento com sua família.

4. LIVRAMENTO E SUAS RURALIDADES

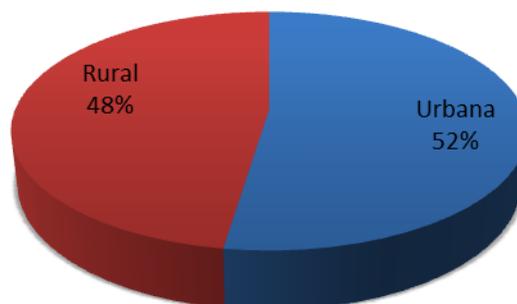
A sede onde hoje é localizado o município de Livramento é em terras de uma antiga fazenda Livramento que pertenciam a José Marinheiro de Brito. A cidade de Livramento fica situada a 243 km da capital João Pessoa, na microrregião do cariri ocidental.

Em 1913, foi erguida uma capela dedicada a Nossa Senhora do Livramento, padroeira da cidade. Mas, foi a fertilidade do local que despertou o empenho de outras pessoas para a cidade, como a lavoura e a criação de gado. A primeira feira livre da cidade ocorreu em 1914.

Segundo estatísticas do IBGE, realizadas através do censo de 2010 a população estimada do município de Livramento é de 7.164, sendo 3.752 a população urbana e 3.412 a população rural.

Gráfico 1 - Porcentagem das pessoas que vivem nas comunidades rurais e urbanas. (IBGE, 2010)

Quantidade de pessoas Rural/Urbana



Fonte: Construído com dados da pesquisa.

A figura acima mostra em porcentagem a quantidade de pessoas que moram na zona rural e urbana. As pessoas que vivem em comunidades rurais, além de trabalharem com plantações, também têm criações de bovinos, caprinos, ovinos e alguns com equinos.

No censo do IBGE de 2006 foi constatado que no município de Livramento há 691 famílias que vivem na zona rural, sendo 638 de agricultores familiares, e 53 de não

agricultores familiares, estes distribuídos entre as comunidades que serão abaixo mencionadas.

O município de Livramento possui 36 comunidades rurais, como mostrado no Quadro 1.

Quadro 1 - Comunidades rurais do município de Livramento – PB.

| |
|------------------------|
| 1. Arei de verão |
| 2. Ariús I |
| 3. Ariús II |
| 4. Batalha |
| 5. Bom Nome |
| 6. Bonito |
| 7. Boqueirão |
| 8. Cachoeira |
| 9. Cacimba de Cavalo |
| 10. Carreiro de Pedra |
| 11. Farias |
| 12. Giral de Capim |
| 13. Glória |
| 14. Matinha |
| 15. Muquém |
| 16. Olho d' Água I |
| 17. Olho d' Água II |
| 18. Passagem Limpa |
| 19. Paus Brancos |
| 20. Pereiro |
| 21. Pinhões |
| 22. Pitombeira |
| 23. Quixaba |
| 24. Riacho do Carneiro |
| 25. Riacho Verde |
| 26. Russo |
| 27. Salgado |
| 28. Salitre |
| 29. Sarapó |
| 30. Sussuarana |
| 31. Tanque do Estevão |
| 32. Torrões |
| 33. Vale Verde |
| 34. Varzêa de Cavalo |
| 35. Verão |
| 36. Zé de barro |

Fonte: Secretaria Municipal de Agricultura de Livramento

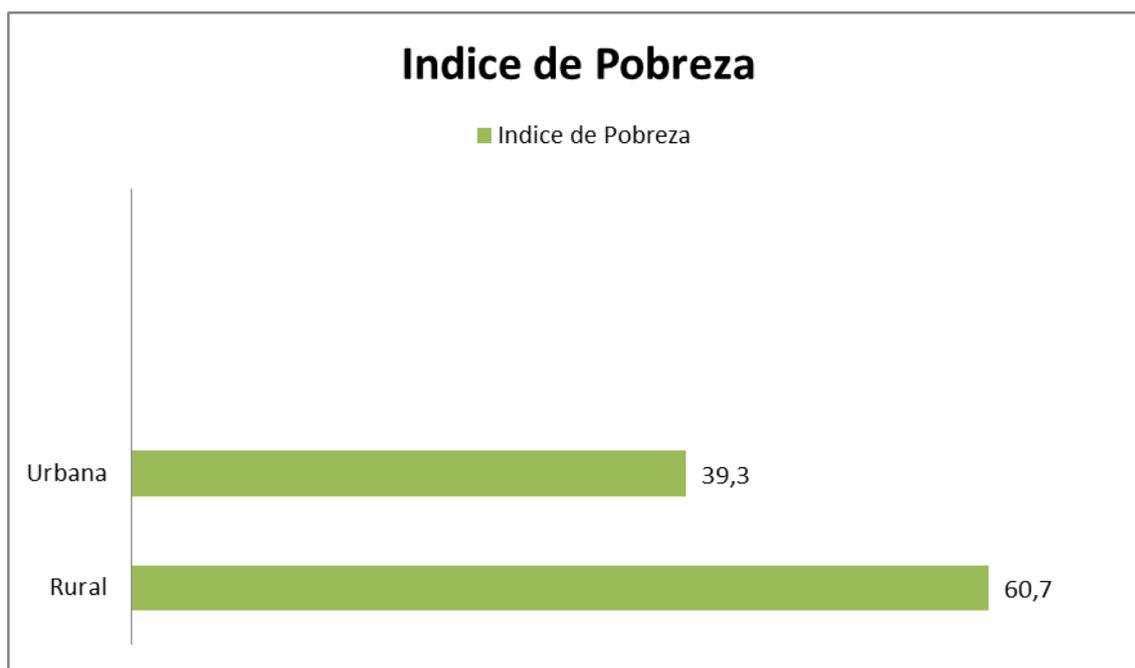
Dentre as 36 comunidades rurais apresentadas tem Sarapó, Passagem Limpa e Pinhões como as mais próximas da zona urbana. As mais distantes são Vale Verde,

Olho d' Água II e Paus Brancos. As quatro maiores são Olho d'Água, Paus Brancos, Carneiro e Batalha, e as quatro menores Vale Verde, Russo, Salitre e Tanque do Estevão.

O município também possui três comunidades Quilombolas: Sussuarana, Areia de Verão e Vila Teimosa. Essas comunidades surgiram há mais ou menos 20 anos, mas, só foi realmente homologada a documentação a partir de 2008.

O município de Livramento possui um alto índice de pobreza, dados relatados também pelo IBGE, 2010, algumas famílias possuíam uma renda menor que 70,00 reais, e a grande maioria dessas pessoas que sofrem com esse alto índice se concentram na zona rural do município.

Gráfico 2- Porcentagem de pessoas que vivem em extrema pobreza no município de Livramento.



Fonte: Secretaria Municipal de Agricultura de Livramento

Segundo dados relatados na pesquisa, os maiores prejudicados com essa pobreza de alto índice são os jovens de 0 a 17 anos de idade, e alguns que se encaixam nessa categoria, não frequentam creches no caso das crianças e os jovens estão fora da escola.

Um dos motivos por tamanha pobreza, assim como em todo o Nordeste, é a desigualdade nas divisões de terras e na renda gerada na região. Costumam usar a seca como o maior motivo pelo qual outros municípios como Livramento passam por isso,

mas devemos salientar que ela não é a principal causa de tamanha pobreza, é apenas um dos fatores.

Esse índice teve um aumento nos últimos tempos devido à grande estiagem, considerada uma das maiores secas dos últimos anos, sendo os camponeses os mais atingidos e de forma brutal, uma vez que, sofreram grandes consequências como a migração de suas comunidades rurais para as cidades.

Devido à seca, os camponeses não obtiveram lucros em suas plantações e, além disso, uma forte escassez com alimentação para as suas criações e a falta de água para seu próprio consumo, foram um dos principais efeitos da estiagem. Para ajudar esses agricultores que passavam por efeitos drásticos da seca, foram criadas políticas pelo governo federal, estadual e municipal que contribuía com esses camponeses, numa tentativa de amenizar o máximo possível tamanhas consequências.

No município de Livramento foram tomadas providências como abastecimento com carros pipas, numa parceria do Governo Federal com a Defesa Civil do Estado, a Defesa Civil do Município e a Secretaria de Agricultura do Município. Esse programa é comandado pelo Exército brasileiro no município onde estão disponíveis 13 carros pipas. Além disso, há outras providências: parceria com o Governo Estadual para a doação de ração (o capim sorgo, já triturado); construção de 57 cisternas para os agricultores em parceria com o Consórcio Intermunicipal de Saúde do Cariri Ocidental (CISCO); a venda do milho e da torta; o garantia safra e a bolsa estiagem, estes últimos, providências tomadas pelo Governo Federal.

A venda do milho é uma forma do Governo Federal em parceria com o Governo do Estado ajudar aos camponeses alimentarem seus rebanhos, autorizando a venda de milho por preços menores que o normal. Essa comercialização acontece diretamente entre o agricultor e a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Como apoio para os camponeses, a Secretaria Municipal de Agricultura do Município realiza o cadastro necessário para obtenção do produto, no caso, o milho, e também disponibiliza transportes para ir buscar o mesmo, já que a distribuição ocorre nos principais pontos da região em parcerias, no caso do município de Livramento a cidade mais perto da distribuição é o município de Monteiro. Para adquirir a torta segue-se o mesmo procedimento, mas, a sua compra é pela Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas (EMPASA).

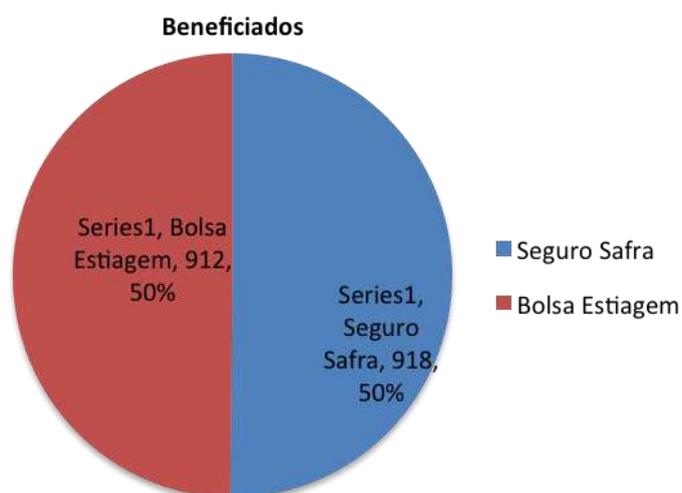
O garantia-safra é um programa do Governo Federal criado pela Lei 10.420 de 10 de abril de 2002, vinculado ao MDA, com objetivo de ajudar aos agricultores a

sobreviverem após a perda de 50% de suas plantações, devido às grandes estiagens. Para que os camponeses tenham direito ao programa precisam ter a renda familiar mensal igual ou inferior a 1,5 (um e meio) salário mínimo. No município de Livramento os cadastros são realizados pela Secretaria de Agricultura do Município e da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) nas zonas rurais do mesmo. No ano de 2014 foram cadastradas 1394 famílias, das quais serão beneficiadas 912.

O benefício bolsa estiagem é um auxílio financeiro de R\$ 80,00 (oitenta reais) para agricultores familiares que moram em municípios que estão em estado de calamidade. Esse programa não precisa cadastro e o agricultor que for beneficiado com o garantia-safra não o receberá, mas se ocorrer de uma só pessoa em um mês receber os dois benefícios, no próximo mês é cortado, pois cada um recebe um só benefício. O município de Livramento teve 918 beneficiados com este programa.

Conforme a figura abaixo mostra, todos que se inscreveram para os projetos foram beneficiados de uma forma ou outra.

Quadro 3: Porcentagem de pessoas beneficiadas pelos projetos.



Podemos perceber através dos números e gráficos que existe um alto índice de pobreza no município de Livramento, apesar de não ser uma cidade tão grande, mas os mesmos também nos mostram que existem benefícios criados numa tentativa de

amenizar essa situação que são os programas de benefícios Bolsa estiagem, Seguro-Safra, dentre outros, que o Governo Federal, Estadual e Municipal buscam melhorias para os agricultores e saída para as dificuldades enfrentadas devido aos problemas ocasionados pelas estiagens.

5. AGRICULTURA, SECA E CONSEQUÊNCIAS.

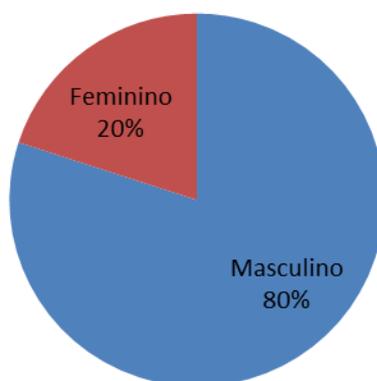
As entrevistas foram realizadas com 15 agricultores familiares. A escolha foi feita de forma aleatória e as comunidades escolhidas foram Sítio Batalha, Sítio Torrões, Sítio Salitre, Sítio Sussuarana e Sítio Vila Teimosa.

A entrevista possui primeiramente três questões de identificação do entrevistado sobre sexo, idade e renda mensal da família, e mais 13 perguntas sobre atividades, propriedades e maneiras adotadas após as consequências da seca. Abaixo os gráficos com as primeiras questões.

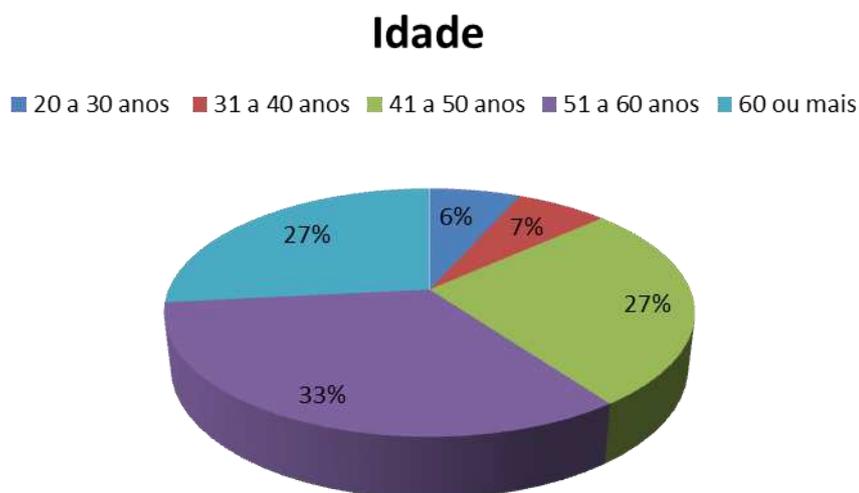
O gráfico 4 mostra a porcentagem (por sexo) dos agricultores de Livramento – PB, os quais são na sua maioria masculino (80%) e em minoria o sexo feminino (20%).

Gráfico 4- Porcentagem (por sexo) dos agricultores.

Sexo dos agricultores

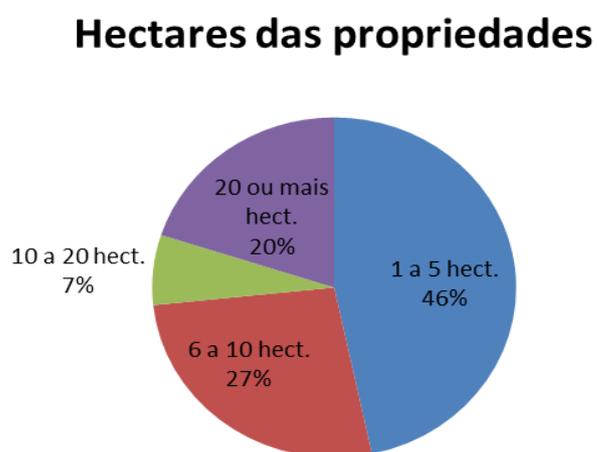


Verifica-se no gráfico 5 que a idade dos agricultores de Livramento – PB compreende a faixa de 51 a 60 anos (33%) seguida das faixas de 41 a 50 e 60 ou mais, ambas com 60%, a faixa de idade com menor porcentagem é de 20 a 30 anos.

Gráfico 5- Porcentagem da idade dos agricultores.

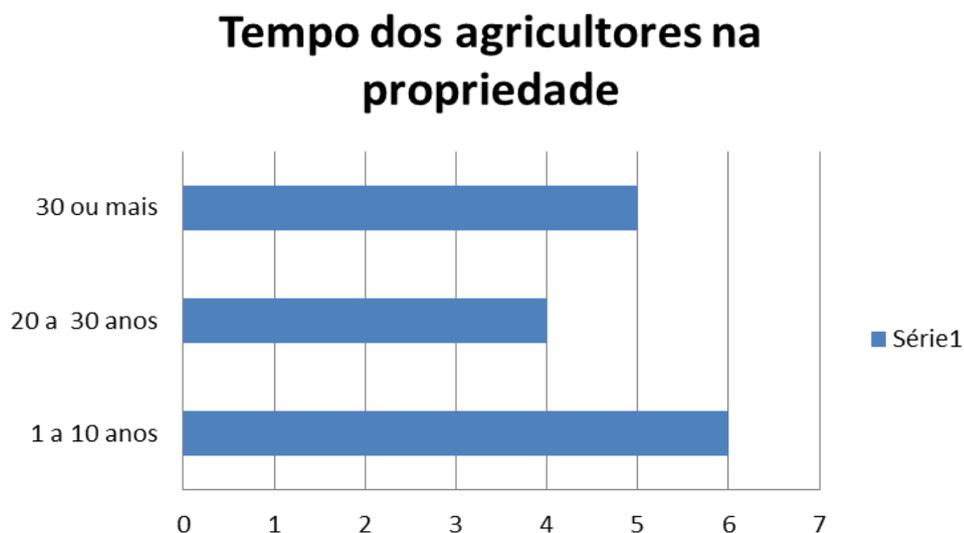
As próximas perguntas eram sobre as suas propriedades, tamanho, há quanto tempo moravam nelas, como havia conseguido suas terras, se em algum momento o agricultor havia pegado algum projeto ou crédito e se participava de associações. Segue abaixo as figuras com os respectivos resultados.

Como podemos vê a grande maioria possui uma propriedade entre 1 a 5 hectares que equivale a sete entrevistados e apenas um está numa propriedade de 60 hectares (Gráfico 6).

Gráfico 6- Porcentagem de quantos hectares em cada propriedade.

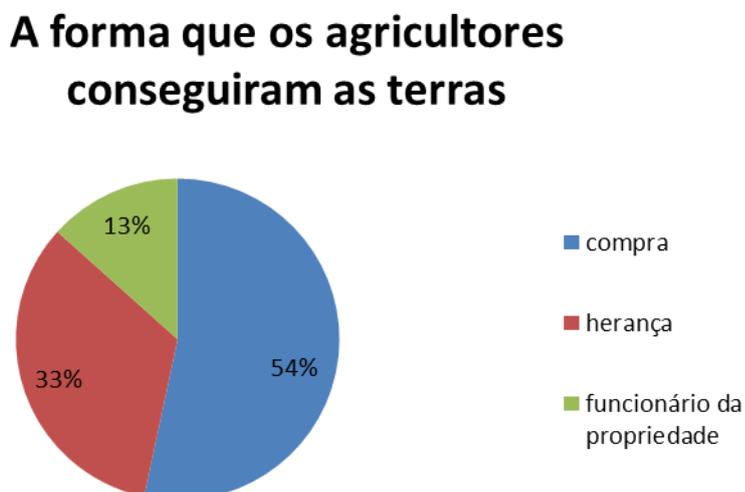
A grande maioria está nas propriedades há pouco tempo, mas alguns correspondente a cinco está há mais de 30 anos e relataram já ter nascido naquelas terras (gráfico 7).

Gráfico 7- O quadro acima mostra há quantos anos os entrevistados estão nas propriedades.



Quando perguntados se as propriedades era herança ou compra, podemos vê no gráfico que a maioria comprou e que dois entrevistados expuseram que apenas trabalham nas terras (Gráfico 8).

Figura 8- Porcentagem de como os camponeses conseguiram suas terras.



Na próxima questão eles foram perguntados se já havia pegado algum tipo de projeto ou crédito. Sete deles já fizeram o Agro-Amigo que é pelo Banco do Nordeste, apenas um fez só o Pronaf, três deles fizeram os dois anteriores e quatro nunca pegaram nenhum dos dois.

Para o gráfico 9 tem-se que a maior porcentagem da renda mensal da família dos agricultores do município de Livramento – PB é de 1 a 2 salários mínimos (73%), de 2 a 3 representam 7% dos agricultores e 20% para os que possuem renda mensal inferior a 1 salário mínimo. Os agricultores de Livramento não possuem renda familiar superior a 3 salários mínimos.

Gráfico 9 - Porcentagem da renda mensal da família.



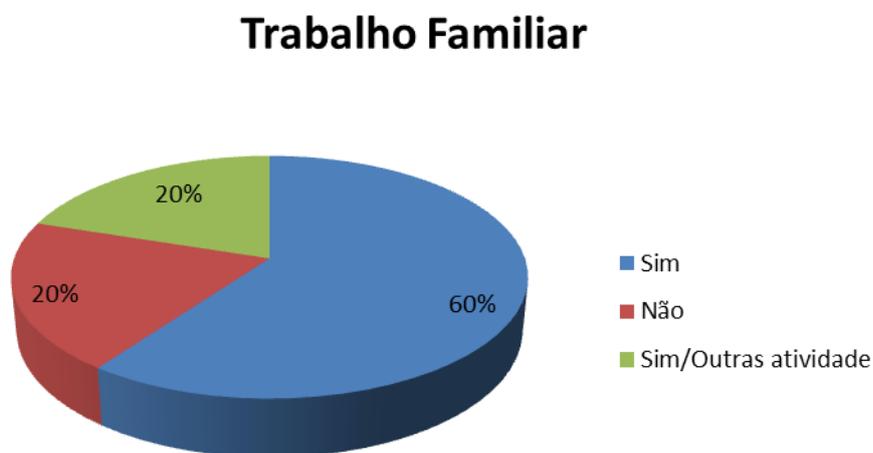
Esta questão da entrevista perguntava sobre a principal atividade que o agricultor exercia, das quinze questões, 13 responderam que tinham a agricultura como a fundamental, apenas dois possuíam outras atividades como a pesca, e uma das famílias tinha a sua renda porque um dos membros era funcionário público do município. Depois foi perguntado se todos da família trabalhavam na agricultura e a maioria respondeu que sim, mesmo exercendo outras atividades extras, trabalha na roça. Podemos observar a questão da pluriativade sendo exercida nas famílias do município.

[...]pois não raramente uma parte dos membros da família residentes no meio rural passa a se dedicar a atividades não-agrícolas, praticadas dentro ou fora das propriedades.(FROEHLICH e DIESEL, 2009, P. 22)

Como cita os autores acima, essas atividades pluriativas, podem ser exercidas em outros locais, como por exemplo, de uma das famílias entrevistadas, a mulher desempenha a função de professora no município, dentre outras atividades cumpridas pelos demais.

Ao analisarmos os dados de trabalho familiar (gráfico 10), vemos que a grande maioria dos agricultores ainda possui suas famílias trabalhando na agricultura e que uma parte exerce as duas coisas, agricultura e outras atividades, para ajudar no sustento familiar, e outra parte que ocupa a mesma quantidade dos que fazem as duas coisas é os que não têm toda a família trabalhando na roça. A próxima pergunta relacionada à necessidade de se deixar os estudos para trabalhar no campo, ou se com a seca foi necessário algum membro da família viajar para ajudar na sobrevivência da família. Dos entrevistados, em três famílias foi constatada a desistência escolar, duas viajaram, um caso teve que fazer os dois, escola e viagem e nove não tiveram que fazer nenhum dos dois.

Gráfico 10- Porcentagem do trabalho familiar.



A outra questão era sobre dependência financeira da família, se era exclusivamente da família. Onze dos entrevistados contaram que a família tem como renda principal a aposentadoria e que a mesma foi conseguida através da agricultura, apenas uma família dos entrevistados tem o bolsa família como sua renda fundamental, e o restante exercem pluriatividade, outra de pesca, e somente uma família tem seu

sustento da agricultura. E quando perguntado sobre essa questão eles usaram frases como:

“Não, minha filha nos dias de hoje não tem como viver só da agricultura, senão a gente morre de fome.” (Entrevistado A)

“Vivo da agricultura e da pesca, mais da agricultura, pois se for depender só da pesca a gente vai morrer de fome.”
(Entrevistado B)

“Sim, nossa única renda ainda é vinda da agricultura.”
(Entrevistado C)

Nesta questão foi falado sobre as possíveis consequências que a seca poderia trazer para esse povo. Todos os entrevistados tiveram perda de lavouras, três destes só perderam a mesma, já seis dos camponeses entrevistados tiveram perda por ter que vender os animais, seis tiveram que fazer isso, dois deles tiveram mortes de animais e um não perdeu nada nesta seca. Algo que chama bastante atenção é que quando perguntado sobre essas perdas causadas pela grande estiagem, a fisionomia dos agricultores, principalmente os mais velhos, fica um pouco abatida por causa dessas consequências trágicas trazidas pela seca.

Na décima segunda questão ainda continuamos com os resultados da estiagem. Foi perguntado se em algum momento eles tiveram que deixar a zona rural para tentar sobreviver na zona urbana. Apesar da grande estiagem como já se foi falado, umas das maiores dos últimos tempos, apenas uma família deixou a zona rural em algum momento e veio tentar sobreviver na zona urbana, as outras quatorze, mesmo com as dificuldades continuaram nas suas comunidades (gráfico 11).

Gráfico 11- Número de famílias que deixaram ou não a Zona Rural.

Na outra questão foi perguntado sobre os filhos, se eles estavam seguindo os mesmo passos de seus pais ou estavam exercendo outras profissões. De todas as famílias entrevistadas apenas quatro delas tem seus filhos trabalhando na agricultura, os que exercem ou querem exercer outras profissões sete, e os que têm muitos filhos relataram que os que ainda residem com os pais trabalham e os outros que viajaram já seguem outros ofícios. O que mais chama atenção nessa questão é que, mesmo os pais sendo agricultores, filhos de camponeses que cresceram e viveram até hoje só da agricultura, não querem o mesmo para seus filhos, ao contrário, querem que sigam outras profissões e os que já seguem são felizes por isso. Um dos entrevistados não tinha filho. Frases como estas foram muito usadas:

“Segue outra profissão, o povo de hoje não querem (sic) mais trabalhar arrancando mato não.” (entrevistado A)

“Ainda são pequenos, mais eu quero que sigam outras profissões, se eu pudesse até eu saía e seguia outra profissão.”
(Entrevistado B)

E para encerrar a entrevista foi perguntado se participavam de Associações. Treze eram associados e apenas dois não participavam, mas, contaram que já estavam se preparando para se associarem, inclusive um dos entrevistados era presidente da associação dos quilombolas.

Destarte, finalizamos fazendo algumas ressalvas que apesar da grande estiagem no município de Livramento, diferente de outras regiões também atingidas pelo período seco, as perdas foram bem menores e que eles conseguiram se esquivar de maiores consequências, e que, mesmo tendo nascido e se criado na roça, muitos deles não querem que seus filhos tenham o mesmo destino.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este trabalho tínhamos como objetivo avaliar o perfil social da agricultura familiar no município de Livramento, compreender como os agricultores conseguiram ultrapassar esta seca, considerada a maior dos últimos tempos, como já mencionado anteriormente, e quais as políticas públicas criadas para ajudar estes camponeses.

No município de Livramento, como podemos notar pelos dados que nos foi concedido pela secretaria Municipal de Agricultura, observamos uma grande preocupação não só municipal, mas nas esferas estadual e federal em relação aos agricultores, várias atitudes foram tomadas para uma diminuição de pobreza no município, e também de auxílio para estes camponeses como dinheiro através dos programas como bolsa estiagem e seguro safra e também de alimentação para os animais.

Ao entrevistar os agricultores das comunidades rurais do município, vimos que em relação à idade, os mais velhos são os que mais trabalham na roça, e que, mesmo já sendo aposentados, não conseguem deixar o meio rural e se recusam a ir morar na zona urbana.

A maioria dos agricultores (73%) possuía uma renda de um a dois salários mínimos, estes adquiridos não só pela agricultura, mas sim por atividades complementares, ou seja, as atividades pluriativas, dados coletados a partir de entrevista com os mesmos, o que nos leva à conclusão de que a maioria deles não vive só da agricultura, mas tem que buscarem outros meio de sobrevivência. E muitas vezes esses meios não são no campo, como se pode constatar há casos de muitos que tiveram que deixar as suas cidades para buscarem uma melhoria de vida para si e para sua família em outras cidades, alguns sendo obrigados a deixar os estudos, como já aludido antes, ou viajar para ajudar seus pais na agricultura.

Apesar da grande estiagem os agricultores do município de Livramento não tiveram perdas muito exorbitantes comparadas às demais localidades do Nordeste. Perderam sim, lavouras, alguns chegaram a perder animais, não por mortes, mas por vendas (perda no sentido de serem obrigados a vender abaixo do valor de mercado), já que a estiagem e falta de alimentação e água para os mesmos fez com que os donos os vendessem. Mas ainda houve declarações de alguns animais mortos.

Já sobre a questão do êxodo rural, foi bastante gratificante ouvir que apenas um dos entrevistados em algum momento deixou a sua casa e foi tentar sobreviver na cidade, mas os demais, em nenhum momento tiveram que passar por isso, conseguiram ultrapassar a seca sem deixar seus lares nas comunidades rurais do município.

Algo que nos chamou bastante atenção foi no momento em que eles foram interrogados sobre os seus filhos, se eles seguiam na agricultura ou se eles queriam exercer outras profissões. Alguns ainda são pequenos e moram com seus pais, mas os seus progenitores já nos adiantaram que querem que eles sigam outras profissões, que eles procurem rumos diferentes para sua vida, não querem que eles sigam os seus passos. Os que já são maiores já estão fazendo isso e mesmo assim por escolha própria não querem ser agricultores, mas alguns já seguem os passos dos seus pais.

Como já aludido anteriormente, cada dia que se passa a agricultura Familiar ganha mais espaço no meio dos estudos, e o Governo Federal está se engajando para buscar novas políticas públicas para os mesmos. Não se pode deixar de mencionar os créditos e projetos criados para ajudar financeiramente esses camponeses, levando ao conhecimento dos mesmos um tipo de empréstimo que deve ser investido só na agricultura ou nas criações dos animais, projetos como PRONAF (já explicado antes), ou como o CREDIAMIGO, programa oferecido pelo Banco do Nordeste.

Apesar de grandes problemas já enfrentados ou que ainda irão enfrentar, a grande maioria não irá deixar o campo, são pessoas que já está há tempos, alguns inclusive que nasceram no local e vivem lá até os dias de hoje, pode sim trabalhar de outras formas, mas, continuarão vivendo com suas famílias nas zonas rurais do município.

Diante do que nos foi apresentado, percebemos que fazer um estudo da Agricultura Familiar das localidades em particular, não apenas um estudo do geral, mas buscar compreender as realidades que se escondem por entre caminhos que se distanciam das cidades, que são os segredos que se ocultam nas zonas rurais é de extrema importância para se compreender um meio que tem mais que apenas pessoas que plantam e vivem assim, mas de famílias que lutam e que sentem os problemas climáticos muito mais que as demais pessoas, elas sentem na pele as mudanças climáticas que atingem diretamente as suas vidas.

Enfim, percebemos que no município de Livramento existe uma minoria que tem apenas a agricultura como seu único meio de sobrevivência e que a única renda que a família tem vem do campo, a maioria teve que buscar outros meios, por possuir uma

família maior que as demais, ou por não conseguirem tirar sustento de suas plantações, assim buscam outros meios de sobrevivência sejam elas no campo, na cidade ou em outras regiões. A cada dia fica mais difícil sobreviver unicamente do campo pelo fato de o longo período de estiagem complicar cada vez mais a vida dos agricultores, e quanto mais ela durar, mais prejuízos se acarretarão no decorrer do tempo.

Após esta pesquisa também podemos ter uma diferente visão dos agricultores deste município, pois foi possível enxergar de perto suas estratégias para sobreviverem às constantes dificuldades encontradas no meio neste período tão seco. São homens e mulheres que vivem para isso, para plantar e colher, e que hoje não conseguem mais se desprender disso. É a vida e o lugar de cada um deles que deixa em qualquer pesquisador o desejo de saber mais e mais sobre um povo que tem tanto a ensinar pelo exemplo de ser o que é.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Vitor. **Reservatórios das usinas hidrelétricas do Nordeste estão com nível abaixo de 35%.** Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2014-01-03/reservatorios-das-usinas-hidreletricas-do-nordeste-estao-com-nivel-abaixo-de-35>>, acesso em: abril de 2014.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão.** São Paulo-Rio de Janeiro-Campinas: Editora Hucitec, ANPOCS, Editora da Unicamp, 1992.

CARNEIRO, Maria José. **Política pública e agricultura familiar: uma leitura do Pronaf.** Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/106/102>>, acesso em: maio de 2014.

CONAB. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1125>>, acesso em: junho de 2014.

DENARDI, ReniAntonio. **Agricultura familiar e políticas públicas: alguns dilemas e desafios para o desenvolvimento rural sustentável.** Agroecol.eDesenv.Rur.Sustent.,Porto Alegre, v.2, n.3, jul./set.2001

ELIZEU, Cleide. **Muito além da subsistência: a Agricultura familiar e sua Produção nas mesas e na Economia do País.** Disponível em: <http://www.dge.apta.sp.gov.br/Publicacoes/T&IA2/T&IAv1n2/Revista_Apta_Entrevista_Maria_Judith.pdf>, acesso em: março de 2014.

FAO. Disponível em: <<http://www.fao.org/family-farming-2014/home/what-is-family-farming/pt/>>, acesso em: junho de 2014.

JUNIA, Raquel. Agronegócio não garante segurança alimentar. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/5977>>, acesso em: junho de 2014.

LOPES, Jorge. **O Fazer do trabalho Científico em Ciências Sociais Aplicadas.** 2ª Ed., Recife – PE, Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MAZOYER, Marcel, 1933- **História das Agriculturas no Mundo: do neolítico à crise contemporânea.** – São Paulo: Editora UNESP; Brasília: NEAD, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 5 ed. São Paulo : Hucitec-Abrasco , 1998.

PANCETI, Alessandra. **Os desafios da Agricultura Familiar.** Disponível em: <<http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=3¬icia=600>>, acesso em: junho de 2014.

PEIXOTO, Marcus. **O PRONAF e o Plano Safra da Agricultura Familiar 2011/12: Notas sobre a distribuição dos recursos.** Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/boletins-legislativos/boletim-no-8-de-2011-o-pronaf-e-o-plano-safra-da-agricultura-familiar-2011-12-notas-sobre-a-distribuicao-dos-recursos>>, acesso em: junho de 2014.

Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar---Disponível em: <<http://www.enfoc.org.br/web/arquivos/documento/2007.pdf>>, acesso em: junho de 2014.

Revista Apta Entrevista Maria Judith. Disponível em: <<http://www.dge.apta.sp.gov.br/Publicacoes/T&IA2/T&IAv1n2/.pdf>>, acesso em: junho de 2014.

Seca no Nordeste. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/geografia/seca_nordeste.htm>, acesso em: junho de 2014.

SILIPRANDI, Emma. **Agroecologia, Agricultura Familiar e Mulheres Rurais.** Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/viewFile/2058/1885>>, acesso em: maio de 2014.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro.** Disponível em: <<http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/49CAI/Wanderley.htm>>, acesso em: maio de 2014.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Um saber necessário: os estudos rurais no Brasil.** Campinas- SP, Editora da Unicamp, 2011.

Apêndice A: ENTREVISTA PARA AGRICULTORES DAS ZONAS RURAIS

Esta entrevista faz parte do trabalho para conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFCG campus Sumé, e tem por finalidade verificar se existem famílias nas zonas rurais que vivem exclusivamente da agricultura familiar.

Entrevista

Dados de identificação

Sexo: () feminino () Masculino

Idade:

20 a 30 anos ()

31 a 40 anos ()

41 a 50 anos ()

51 a 60 anos ()

60 ou mais ()

Renda mensal:

Menos de 1 salário mínimo ()

1 a 2 salários mínimos ()

2 a 3 salários mínimos ()

4 ou mais salários mínimos ()

Questões

1. Qual o tamanho da propriedade?
2. Há quanto tempo está na propriedade?
3. Como você conseguiu esta propriedade?
4. Já pegou algum projeto ou crédito?
5. Qual a sua principal atividade?
6. Toda a família trabalha na agricultura?

7. Algum membro da família teve que deixar os estudos para trabalhar na roça ou com esta estiagem em algum outro lugar?
8. A renda da sua família depende exclusivamente da agricultura família?
9. Você perdeu algo (animais) nesta estiagem?
10. Algum momento teve que deixar a zona rural para tentar sobreviver em outro local?
11. Seus filhos estão seguindo seus passos na agricultura, ou eles estão ou querem exercer outra profissão?
12. Participa de alguma associação?